

Contraclichê: a crítica cultural na era moderna¹

Naely Victoria Santos Barbosa²

Eduardo Cesar Maia³

Universidade Federal de Pernambuco – Campo Acadêmico do Agreste
(UFPE—CAA)

RESUMO

O presente resumo busca estabelecer uma relação entre os avanços tecnológicos e a modernização do fazer crítico, tendo em vista as mudanças do aprofundamento teórico que as redes digitais muitas vezes estabelecem em função de uma busca por entretenimento rápido. Assim, realizamos um levantamento bibliográfico, para entender quais mudanças a chegada da tecnologia exerceu sobre a crítica e qual o papel o crítico exerce no novo cenário social marcado pelo uso das redes. Para isso utilizamos como base os teóricos Daniel Piza para tratar os avanços no jornalismo cultural e, Terry Eagleton para compreender a remodelação e a função da crítica na modernidade.

PALAVRAS-CHAVE: jornalismo; cultura; critica cultural.

CORPO DO TEXTO

Nas últimas décadas, a crítica cultural brasileira vem enfrentando uma série de transformações provenientes do uso de novas tecnologias como espaços para mediação de debates de cunho cultural, essas mudanças levaram o jornalismo cultural a passar por uma transição do suporte impresso para o ambiente digital. Contudo, essa mudança não se resume apenas a uma troca de suporte, mas também se relaciona com a remodelação da comunicação de cada veículo, tendo em vista que cada meio por si só já transmite uma mensagem, “a ‘mensagem’ de qualquer meio ou tecnologia é a mudança de escala, cadência ou padrão que esse meio ou tecnologia introduz nas coisas, humanas” (McLuhan, 1964). No âmbito do jornalismo cultural, a mudança de meio altera a forma de produção, circulação e recepção dos discursos críticos, desafiando assim as formas tradicionais de mediação cultural.

Historicamente os críticos culturais exerciam o papel de intermediador entre as

¹Trabalho apresentado ao Grupo de Trabalho (GTNE14 - Estudos da Comunicação), evento integrante da programação do 25º Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste, realizado de 26 a 28 de junho de 2025. Projeto também vinculado à pesquisa do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC) por meio do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE) do Centro Acadêmico do Agreste (CAA) em Caruaru.

² Estudante de Graduação 6º semestre do curso de Comunicação Social da UFPE-CAA, email: naelyvic15@gmail.com

³ Professor do Curso de Comunicação Social da UFPE-CAA, email: eduardo.ferreirafo@ufpe.br

obras culturais e a população, oferecendo interpretações sobre as obras e buscando formar a capacidade de julgamento em seus leitores, os ensinando a pensar e oferecendo noções gerais sobre arte e vida. Esse modelo de construção de pensamento crítico, pressupunha um espaço estável de divulgação de pensamentos, assim o crítico muitas vezes era amparado por uma espécie de veículo já consolidado, como os jornais e revistas especializadas em cultura, que construíram um espaço de debate reafirmando sua autoridade no assunto e fazendo com que ele fosse consumido por mais pessoas.

Com a chegada da cibercultura podemos observar uma reconfiguração desse cenário. Os avanços tecnológicos resultaram em plataformas de mídias digitais, essas novas mídias geram aquilo que alguns autores chamam de o grande dilúvio no campo das telecomunicações, pois potencializam a criação e propagação de ideais de forma exponencial, contribuindo para uma cultura descentralizada e fragmentada, caracterizada pela velocidade e a participação ativa do público consumidor (Lévy, 1999). Assim ao trazer a crítica para o campo digital podemos notar algumas dificuldades ligadas a reconfiguração da função crítica, tendo em vista que o “crítico tradicional” é tensionado pelas vozes emergente que surgem para fomentar debates culturais de fora do circuito institucional, voltados para os primórdios da crítica mercadológica em que o impressionismo tinha um papel central no debate.

Diante desse cenário, emerge a seguinte questão central: como a crítica cultural se mantém necessária e relevante na era de hiperestímulos, excesso de informações e novas formas de produção e consumo cultural? Assim, o presente resumo busca analisar o desdobramento da crítica cultural na era moderna e discutir sua função e importância na atualidade, explorando suas transformações e os desafios que enfrenta.

Nascimento da crítica cultural

A crítica europeia nasce no contexto de ascensão da burguesia, durante o século XVII e XVIII, ela surge do desejo de encontrar um espaço para debater de forma racional questões relacionadas às políticas autoritárias da época. Jurgem Habermas, em *Mudanças Estruturais da Esfera Pública* (1962), aponta a crítica como um fator relevante no crescimento dos espaços públicos de socialização, tendo em vista que os primeiros debates aconteciam em espaços como cafés e clubes de leituras, isso desencadeou o desenvolvimento de um público leitor interessado em debater questões culturais, políticas

e artísticas. Pois segundo, Terry Eagleton “Através de sua relação com o público leitor, a reflexão crítica perde seu caráter privativo. A crítica abre-se ao debate, tenta convencer, convida à contradição. Torna-se parte do intercâmbio público de opiniões”. (Eagleton, 1991, p.4). Nesse contexto, a crítica se estabelece como uma mediadora entre obras culturais e o público consumidor, fazendo assim um intercâmbio de valores de classes, moldando a percepção e oferecendo um parâmetro de julgamento para seus leitores, fazendo com que compreendam as noções gerais sobre a arte e a vida.

Esse início da crítica tem uma relação direta com os periódicos culturais ingleses do século XVIII, com o Tatler, de Steele, e o Spectator, de Addison, que estabelecem um formato da escrita crítica, que até o momento não se tratava diretamente de uma crítica jornalística, com uma forma predefinida, mas sim de uma crítica cultural, tida como um espaço para debater as ideias que circulavam na sociedade, nesse contexto a crítica ainda não era especializada, ela era um debate humanista mais voltado para as questões éticas que técnicas, nesse sentido a configuração da crítica se estabelece na afirmação de Eagleton (1991, p.13) “a esta altura, a crítica não é ainda ‘literária’, mais sim ‘cultural’”. Assim, naquele momento a função da crítica era a de conduzir um discurso de parâmetro geral, muitas vezes pautadas no impressionismo, que é uma das marcas da crítica não-especializada realizada sem seu nascimento.

Dessa forma, a crítica em seu início surge um para estabelecer um parâmetro de avaliação, partindo de um espaço voltado para a educação do olhar, auxiliando aqueles que participavam do debate a desenvolver um gosto pessoal e uma sensibilidade sobre as potências artísticas e políticas que estavam se desenvolvendo naquele contexto. Como afirma Antoine Compagnon, em *O Demônio da Teoria* (1998), “a crítica é inseparável de sua função pedagógica: formar leitores, ensinar a ler, a interpretar, a julgar”. Seu papel nesse primeiro momento é de comentarista, fomentador de debate.

No Brasil, o jornalismo cultural emerge no século XIX, mas só ganha força a partir do final do século, e é nesse momento que as bases do jornalismo começam a sofrer mudanças, e com ele, o estilo da crítica cultural feita em periódicos também passa a ser reformulada (Piza, 2003). Tendo em vista que agora há no jornalismo cultural uma espécie de imediatismo próprio da modernidade, que reflete sobre a imprensa tendo em vista que a mesma agora passa a aderir sobre si as configurações gerais do jornalismo, dando uma importância maior aos relatos de fatos e entrevistas, o que alterou a realidade da crítica

tendo em vista que agora ela tinha que “lidar com ideias e realidades, não apenas com formas e fantasias” (Piza, 2003, p.22).

É nesse contexto de aproximação do jornalismo cultural com o factual, que se concebe as mudanças no fazer crítico. O crítico, antes visto como um intérprete das manifestações culturais, pautado na análise e reflexão dos conteúdos, passa a dividir espaço com uma cobrança por agilidade imposta pela modernidade. Esse processo anuncia as tensões que iriam surgir na década seguinte, sobretudo ligada aos avanços tecnológicos no âmbito da comunicação, culminando na remodelação da função do crítico dentro do ambiente digital.

A modernização dos parâmetros da crítica

No século XX, e de forma mais intensa, no XXI, a crítica cultural enfrenta um cenário marcado por transformações tecnológicas e sociais. O que acentua a crise que Piza (2003) afirma que o jornalismo cultural vivência desde a metade do século XX, advindos do surgimento dos meios de comunicação de massa. A popularização dos meios de disseminação cultural como rádio, televisão e, posteriormente a internet, alterou o modo como os discursos culturais circulavam e impôs sobre eles uma nova dinâmica de velocidade. Se antes a crítica se fundamentava em espaços como os jornais, agora ela precisa se adaptar aos novos espaços de comunicação caracterizados pelo alto fluxo de informação e a pluralidade de vozes que constituem o ambiente digital.

Assim, a instantaneidade da notícia, o foco no entretenimento rápido e a simplificação dos discursos impostos por esse ambiente passam a dominar o espaço público, enfraquecendo o modelo de aprofundamento e reflexão que havia se consolidado até então.

Nesse contexto, a crítica tradicional – pautada pela autoridade interpretativa e pelo aprofundamento teórico e reflexivo – passa a ser tensionada pela lógica da espetacularização e pela participação ativa dos leitores, que não só consomem mais também produzem e comentam sobre os produtos culturais em tempo real. Como observa Pierre Lévy (1999), a cibercultura não apenas amplia os espaços de produção de sentido mais também decentralizam o debate, promovendo assim uma reorganização das relações entre emissores e receptores da crítica.

Diante dessa realidade, a crítica cultural moderna se vê em um novo desafio, o de repensar suas práticas, linguagem e funções, em um ambiente cada vez mais subdividido em gêneros e tribos. Assim, se torna ainda mais fundamental a formação de profissionais qualificados, capazes de interpretar e mediar essa multiplicidade de manifestação cultural com profundidade, rigor e sensibilidade para os novos modos de recepção. Segundo Piza (2003) a integração das máquinas, como telefone, cinema e, conseqüentemente a internet, mudou o figurino do crítico, mas não tanto sua figura.

Dessa forma, pode-se compreender que mesmo em meio às inúmeras possibilidades de informação ágil que a internet proporciona ainda há um espaço em que a crítica especializada pode trabalhar perante o debate cultural na sociedade, contudo, é necessário que além do aporte teórico o profissional que fomenta o debate crítico cultural na atualidade, compreenda o tipo de público que ele deseja se relacionar, para que assim consiga trabalhar sua retórica, na intenção não de convencer o leitor de algo, mais sim de fomentar uma ideia para o mesmo gerando um diálogo entre o seu público. Fazendo o que Piza caracteriza como fundamental para o jornalista cultural

“(...) que ele saiba ao mesmo tempo convidar e provocar o leitor, notando ainda que essas duas funções não raro se tornam a mesma: o leitor que se sente provocado por uma opinião diferente (no conteúdo ou mesmo na formulação) está também sendo convidado a conhecer um repertório novo, ganha informação e reflexão sobre um assunto que tendia a encarar de outra forma” (PIZA, 2003, p.68)

Portanto, compreender a modernização da crítica cultural é entender seu deslocamento: de uma prática de mediação verticalizada para uma atuação em redes de diálogos horizontais, na qual a autoridade do crítico está em uma constante construção e evolução, ainda que nele não exista a perda da essência, que é o impressionismo e a tradução da densidade em função do debate sobre os temas que nos rodeiam diariamente, como afirma, Maia no texto *Apontamentos para uma crítica náufraga* (2023)

“O elemento impressionista, tão vilipendiado pela crítica teórico-acadêmica, segue inevitavelmente vigente, e tem lugar fundamental no processo. A incalculável diversidade de juízos estéticos que encontramos sobre uma mesma obra se faz possível precisamente devido às infinitas formas como a realidade pode se manifestar através das diferentes perspectivas de cada leitor-crítico” (MAIA, 2023, [s.p.]).

Assim, é possível compreender que a modernização da crítica implica também na valorização da relação entre a análise fundamentada e a expressão pessoal, estabelecendo um diálogo entre teoria e impressão. Tendo em vista que é mediante a esse equilíbrio que a mesma consegue exercer sua função primeira, estimular o debate social.

Conclusão

Durante a produção do presente resumo, podemos perceber que ainda há uma necessidade da intermediação realizada pelo crítico para o público que permeia o ambiente digital, contudo existe uma mudança no modo operante do crítico. Ele não perdeu sua função, ele apenas passou por um processo de refinamento e, em um ambiente cada vez repleto de ecos, informações e estímulos, se faz necessária a presença de alguém com domínio e clareza para realizar a seleção das informações que devem ganhar um destaque quanto ao debate público.

Além disso, torna-se essencial que o crítico contemporâneo desenvolva uma escuta atenta às transformações culturais, compreendendo as dinâmicas das redes e das múltiplas vozes que nelas circulam. Sua atuação, portanto, não se resume a julgar ou interpretar obras, mas a fomentar espaços de diálogos, realizando uma curadoria dos assuntos para então reapresentá-lo de forma a estimular o pensamento crítico coletivo, contribuindo assim para a formação de um público mais reflexivo e consciente de seu papel na construção da cultura em meio ao arsenal de informações que proliferam nas redes sociais digitais.

REFERÊNCIAS

LÉVY, Pierre. **Cibercultura**. São Paulo: Editora 34, 1999.

MAIA, Eduardo Cesar. **Apontamentos para uma crítica náufraga**. Revista Continente, edição 272, abr. 2024. Disponível em: <https://revistacontinente.com.br/edicoes/272/apontamentos-para-uma-critica-naufraga>. Acesso em: 5 maio 2025.

McLUHAN, Marshall. **Os meios de comunicação como extensões dos homens**. São Paulo, Editora Cultrix, 1964, p. 22.

PIZA, Daniel. **Jornalismo cultural**. São Paulo: Editora Contexto, 2003.

EAGLETON, Terry. **A função da crítica**. São Paulo: Livraria Martins Fonte Editora LTDA, 1991.